

Claudia Bernal
Da equipe do **Correio**

Pais não querem mais que o filho aprenda apenas bê-á-bá e tabuada. Muitos querem também que valores morais, tantas vezes aprendidos com a religião, sejam repassados às crianças. Há colégios católicos, protestantes, laicos. Alguns enfatizam bastante o tema; outros, preferem não ter no currículo ensino religioso. Por isso é importante conhecer diversas escolas com suas diferentes bases filosóficas para, enfim, definir a que mais se adapta à educação desejada ao filho.

Escolas católicas costumam dar especial atenção ao ensino religioso — incluem no currículo aulas semanais da disciplina. Porém, há que se entender como são as aulas. Longe de aprender os Dez Mandamentos ou mesmo lições simples, como rezar, as classes são muito mais “transcendentais”.

“O ensino não é o de catequese, como antigamente”, explica Rodolfo Fortes, coordenador pedagógico do colégio Marista, de orientação católica. “Não falamos nem em Deus, mas no transcendente”, diz Maria da Consolação, orientadora religiosa da escola.

Segundo Consolação, o objetivo das aulas é que o aluno desperte para a religiosidade e que, assim, tenha um fundamento moral. “Nós nos preocupamos com a formação integral do aluno”, salienta.

Essa mudança no ensino religioso deu-se a partir da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96: consta na legislação que escolas não podem induzir a pessoa a qualquer credo. “O currículo deve ser voltado para a formação de valores, atitudes, caráter”, analisa Ana Maria Villaboim, diretora da educação básica da Secretaria de Educação.

O colégio não deve dar aulas de catolicismo ou protestantismo, mas sim, de uma abrangente cultura religiosa. No Mackenzie, as aulas são baseadas “em uma visão humanístico-cristã do mundo” — em ou-

DEUS VAI (OU NÃO) AO COLÉGIO

Carlos Moura



Alunos do Marista: nas aulas de religião, o mais importante é o estudo do valor das tradições de vários credos, do budismo ao cristianismo

tras palavras, segue o protestantismo. No Marista, alunos estudam o valor das tradições religiosas, desde o budismo,

passando pelo cristianismo, hinduísmo, às religiões afro-brasileiras.

As aulas são divididas em te-

mas. Quando estudam morte, apreendem como cada religião encara o assunto. “Com isso tentamos passar para o aluno

o conhecimento de como determinada religião vê o tema”, acredita Consolação. Afinal, há alunos de diferentes credos no

colégio, como ela própria constata.

Isso não quer dizer que a criança poderá optar por assistir ou não às aulas. É uma disciplina como outra qualquer. Diferentemente do que ocorre em colégios públicos, que devem, também, oferecer ensino religioso, mas a opção de fazer a matéria, ou não, fica a cargo do aluno. Caso não queira, pode substituir as aulas de religião por outras atividades (artes, música, educação física, etc). Só não poderá deixar de receber nota pela matéria.

Há colégios, como o Objetivo, que também se definem preocupados com a formação total do aluno, mas optam por descartar aulas de ensino religioso. O Objetivo não segue nenhuma religião. “Preferimos passar uma mensagem todas as segundas-feiras”, conta Zuleide Caldeirão, coordenadora do serviço de orientação do Objetivo da 913 sul, que completa: “Isso não quer dizer que o colégio seja ateú.”

Tais mensagens, entregues em papel para todos os alunos em sala de aulas visam dar uma palavra de apoio ao estudante. “Às vezes são historinhas que têm uma moral”, diz Zuleide. Vez ou outra, os dizeres comentam sobre o lado espiritual da pessoa. Os professores lêem e discutem durante alguns minutos com a garotada.

A diferença básica de escolas como o Objetivo e as religiosas são as atividades fora de sala de aula, as chamadas atividades pastorais. No Marista, por exemplo, há o momento de oração antes das aulas começarem. São de três a dez minutos de cânticos, e orações como o Pai-Nosso e a Ave-Maria, ou apenas a leitura de um texto religioso levada por um professor ou aluno.

Na educação infantil, o momento reúne, durante 15 minutos, crianças atéias, evangélicas, espíritas, católicas, com violão a postos e mãos estendidas em oração. “Nossos alunos não precisam ter religião, mas respeitar os momentos de vivência no colégio”, afirma a orientadora religiosa Maria da Consolação.